

BENEFÍCIOS DA INICIAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Gabriel Galter Bonato¹, Lissandro Moisés Dorst²



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n3p1366-1388>

Artigo recebido em 18 de Março e publicado em 18 de Maio de 2026

ARTIGO DE REVISÃO

RESUMO

Este estudo analisa os benefícios da iniciação esportiva na modalidade futebol para crianças com Transtorno do Espectro Autista -TEA. O TEA é caracterizado como uma condição do neurodesenvolvimento, definida por déficits na comunicação e interação social, apresentando padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Com a crescente prevalência do transtorno, observa-se um aumento da demanda por intervenções terapêuticas e educacionais que contribuam no desenvolvimento integral dessas crianças. Nesse contexto, a prática de atividade física, especialmente a participação em esportes coletivos como o futebol, tem sido reconhecida na literatura como uma estratégia que contribui para desenvolver diversas habilidades, dentre as quais, as habilidades motoras e sociais em crianças com TEA. O objetivo do estudo foi investigar os benefícios da iniciação esportiva no futebol para crianças com TEA. O método utilizado no estudo foi a revisão narrativa de literatura, que se caracteriza por uma visão ampla e contextualizada sobre o assunto em questão. A abordagem fundamenta-se na análise e na interpretação crítica da literatura selecionada. Os resultados indicam que a iniciação esportiva no futebol com adaptações, traz diversos benefícios físicos, estimula funções neuropsicológicas, melhora o desempenho psicomotor e fortalece competências sociais. Conclui-se, portanto, que programas de iniciação esportiva no futebol com adaptações são uma ferramenta importante e complementar na intervenção formativa e terapêutica para crianças com TEA. Embora os benefícios sejam evidentes e a prática seja considerada promissora, devido aos poucos estudos encontrados recomenda-se a realização de

¹ Acadêmico do curso de Educação Física - Bacharelado do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. <http://lattes.cnpq.br/3536405868709545>; <https://orcid.org/0009-0005-1005-4605>. e-mail: gabrielgalterbonato31@gmail.com

² Professor Doutor do curso de Educação Física do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz- FAG. <http://lattes.cnpq.br/5381739912265500>; <https://orcid.org/0000-0001-9250-3040>; e-mail: lissandro@fag.edu.br

futuras pesquisas práticas com amostras mais representativas. É importante também que essas pesquisas avaliem a viabilidade da modalidade para crianças em todos os três níveis de suporte. O avanço científico nessa área é fundamental para consolidar o futebol como uma ferramenta terapêutica e pedagógica eficaz tendo em vista a promoção do desenvolvimento integral desse público.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista - TEA, Iniciação Esportiva, Futebol, Benefícios.

BENEFITS OF SPORTS INITIATION IN FOOTBALL FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER — ASD

ABSTRACT

This study analyzes the benefits of sports initiation in football for children with Autism Spectrum Disorder - ASD. ASD is characterized as a neurodevelopmental condition, defined by deficits in communication and social interaction, presenting restricted and repetitive patterns of behavior, interests, and activities. With the growing prevalence of the disorder, there is an increasing demand for therapeutic and educational interventions that contribute to the comprehensive development of these children. In this context, the practice of physical activity, especially participation in collective sports such as football, has been recognized in the literature as a strategy that contributes to developing various skills, among which motor and social skills in children with ASD. The aim of this study was to investigate the benefits of sports initiation in football for children with ASD. The method used was a narrative literature review, which is characterized by a broad and contextualized view of the subject in question. The approach is based on the analysis and critical interpretation of selected literature. The results indicate that sports initiation in football with adaptations brings multiple physical benefits, stimulates neuropsychological functions, improves psychomotor performance, and strengthens social competencies. It is concluded, therefore, that adapted sports initiation programs in football are an important and complementary tool in formative and therapeutic intervention for children with ASD. Although the benefits are evident and the practice is considered promising, due to the limited number of studies found, the conducting of future practical research with more representative samples is recommended. It is also important that these studies evaluate the feasibility of the sport for children at all three support levels. Scientific advancement in this area is fundamental to consolidate football as an effective therapeutic and pedagogical tool with a view to promoting the comprehensive development of this population.

Keywords: Autism Spectrum Disorder (ASD), Sports Initiation, Football, Benefits.



**BENEFÍCIOS DA INICIAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA – TEA**

Bonato; Dorst

Instituição afiliada – Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG, Cascavel-PR.

Autor correspondente: Gabriel Galter Bonato, e-mail: gabrielgalterbonato31@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) define-se como uma condição neurológica do desenvolvimento humano que se manifesta por meio de dificuldades ascentuadas em áreas como a comunicação social, a interação interpessoal e a presença de padrões de comportamento, interesses ou atividades de caráter restrito e repetitivo (American Psychiatric Association, 2023).

O TEA foi historicamente considerado uma condição rara, porém essa crença foi sendo modificada nas últimas décadas com o registro do aumento do número de casos e decorrente avanços nas pesquisas sobre o tema (Liberalesso, 2020; Machado *et al.*, 2022). Nos Estados Unidos, por exemplo, dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (Centers for Disease Control and Prevention, 2025) indicam que a prevalência de TEA entre crianças de 8 anos atinge a marca de 1 para cada 31, o que equivale a 3,22% desse grupo populacional. No Brasil, informações do Censo Demográfico Censo Demográfico (IBGE, 2022) revelam que 2,4 milhões de indivíduos receberam o diagnóstico de TEA, com a maior concentração na faixa etária de 0 a 19 anos, somando aproximadamente 1,1 milhão de pessoas. Nesse contexto, o TEA tem sido um tema de interesse crescente para a pesquisa científica, bem como para as políticas públicas nas áreas da saúde, educação e esporte.

Com manifestação nos primeiros anos de vida e seguindo até a vida adulta, o TEA abrange apresentações clínicas com diferentes graus de intensidade e severidade, impactando diretamente a qualidade de vida dos indivíduos e de suas famílias (Ricco, 2017; Schelle, 2022). Estudiosos apontam que crianças no espectro autista considerando o grau de severidade enfrentam barreiras para atingir seu pleno desenvolvimento (Ricco, 2017; Liberalesso, 2020; Machado *et al.*, 2022; Mata; Silva; Silva, 2023). Dentre as barreiras enfrentadas pelas crianças com TEA, os autores mencionados destacam dificuldades em iniciar e sustentar interações sociais recíprocas, dificuldade na compreensão e no uso da linguagem verbal ou não verbal e dificuldade na expressão e interpretação de suas emoções. Soma-se a essas dificuldades também a ocorrência de rigidez cognitiva e a preferência por rotinas,

que limitam a adaptação a novas circunstâncias e podem limitar também o desenvolvimento motor e a aquisição de novas habilidades (Liberalesso, 2020; Machado *et al.*, 2022; Mata; Silva; Silva, 2023). Menciona-se ainda a incidência de interesses restritos e a hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais, auditivos e visuais (Ricco, 2017; Liberalesso, 2020; Machado *et al.*, 2022).

Do ponto de vista social, o TEA também impõe desafios significativos. Estudos realizados por Mata, Silva e Silva (2023) evidenciam que o pouco conhecimento disseminado na sociedade sobre o transtorno contribui para a estigmatização e a discriminação de indivíduos com TEA em diferentes contextos, como o educacional, o mercado de trabalho, os espaços de lazer e as práticas esportivas. Diante desse cenário, especialmente no que se refere às necessidades das crianças com TEA, os autores destacam a importância de ir além da atenção aos déficits associados ao espectro. É fundamental implementar intervenções que favoreçam o desenvolvimento integral das potencialidades dessas crianças, em ambientes inclusivos.

Na busca por estratégias para crianças com TEA, a atividade física e o esporte têm sido apresentados como espaços promissores (Ricco, 2017; Souza; Souza; Bezerra, 2021; Gomes *et al.*, 2022; Araújo; Lima; Ribeiro, 2022; Flores *et al.* 2023; Mata; Silva; Silva, 2023). Os benefícios da atividade física e do esporte para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial, já consolidados para crianças com desenvolvimento neurotípico, demonstram ser aplicáveis e efetivos para populações com necessidades especiais, como o TEA (Ricco, 2017; Souza; Souza; Bezerra, 2021; Gomes *et al.*, 2022; Araújo; Lima; Ribeiro, 2022; Flores *et al.* 2023; Mata; Silva; Silva, 2023). Para exemplificar, mencionam-se a pesquisa de Souza, Souza e Bezerra (2021), que destaca os benefícios da dança e da ginástica para crianças com TEA; a pesquisa de Gomes *et al.* (2022) que aborda sobre os resultados positivos da prática da natação, tai chi chuan, judô, ginástica artística para esse público; e, Flores *et al.* (2023), que mostram os benefícios da dança e atividades aquáticas para crianças com TEA. Em síntese, os autores mencionados, concordam que a prática esportiva por proporcionar um ambiente estruturado e motivador pode contribuir para o aperfeiçoamento de habilidades frequentemente desafiadoras para crianças com TEA, dentre eles, o cumprimento de regras, a coordenação e o desenvolvimento

motor. Para além das intervenções medicamentosas esses estudos mostram a importância da iniciação esportiva visando favorecer o desenvolvimento integral das crianças com TEA.

Dentre as diversas modalidades esportivas que tem mostrado resultados positivos para o desenvolvimento integral de crianças com TEA, o futebol tem sido apontado por estudiosos com um potencial singular (López et al., 2017; López-Díaz; Moreno-Rodríguez; López-Bastías, 2021; Vetri; Roccella, 2020; e Mata; Silva; Silva, 2023). O futebol, por ser um esporte coletivo que demanda comunicação, colaboração e interação têm motivado o interesse de estudiosos a investigá-lo como uma ferramenta educativa e terapêutica para pessoas com TEA. Diante do exposto o objetivo do presente estudo foi analisar os benefícios da iniciação esportiva no futebol para crianças com TEA.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo foi a revisão narrativa de literatura, que, de acordo com Rother (2007), caracteriza-se por proporcionar uma visão ampla e contextualizada sobre o assunto em questão. Essa abordagem fundamenta-se na análise e na interpretação crítica da literatura selecionada.

Para a revisão da literatura buscou-se estudos sobre o tema em base de dados eletrônicos indexados nas plataformas da Biblioteca Virtual em Saúde - Brasil, *National Library of Medicine* - PubMed-, *Scientific Electronic Library Online* - Scielo e Google Acadêmico e livros que abordam a temática.

Os critérios de busca nas bases de dados mencionadas foram os seguintes: estudos que abordam, de forma correlacionada, o TEA, a iniciação esportiva para crianças com TEA e a iniciação esportiva no futebol para crianças com TEA, incluindo seus benefícios; período de publicação entre os anos de 2015 e 2025; publicações em inglês e/ou espanhol e/ou português. O processo de seleção da bibliografia incluída no artigo consistiu em três etapas principais: inicialmente, realizou-se a leitura dos títulos obtidos nas buscas em cada uma das bases de dados; em seguida, leu-se e analisou-se os resumos dos estudos previamente identificados como relevantes. Por fim, os escritos que atenderam aos critérios de inclusão e demonstraram maior pertinência ao tema foram lidos integralmente, assegurando sua adequação aos

objetivos da pesquisa e sua inclusão na bibliografia final.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A exposição foi organizada em três partes: primeiro apresentam-se algumas considerações sobre o TEA, na sequência examina-se a importância da iniciação esportiva para as crianças autistas e, por último, abordam-se sobre os benefícios do futebol para as crianças com TEA.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEA

Atualmente o diagnóstico do TEA é guiado por um conjunto de critérios descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) estabelecidos pela American Psychiatric Association (APA, 2023). O DSM-5 (APA, 2023), caracteriza o TEA em dois domínios principais, o primeiro domínio refere-se à constatação de déficits na comunicação e interação social em múltiplos contextos, os quais se manifestam por dificuldade na reciprocidade socioemocional, uso atípico de comportamentos comunicativos não verbais (contato visual, gestos, expressões faciais), e problemas para desenvolver, manter e compreender relacionamentos; e o segundo domínio relaciona-se a ocorrência de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, evidenciados por movimentos motores, uso de objetos ou fala de forma estereotipada, adesão inflexível a rotinas e resistência a mudanças, interesses fixos em intensidade ou foco e reatividade sensorial atípica (hiper ou hiporreatividade) a estímulos do ambiente ou interesse incomum por aspectos sensoriais.

De acordo com o DSM-5 (APA, 2023), para a realização do diagnóstico, é necessário que os sintomas se manifestem precocemente nos primeiros anos de vida, mesmo que algumas características só se tornem mais aparentes quando as demandas sociais superam as capacidades da criança. Ademais, tais comportamentos devem gerar prejuízo significativo no funcionamento social, acadêmico e/ou ocupacional conforme descrito no DSM-5 (APA, 2023).

O DSM-5 (APA, 2023), organiza o TEA em três níveis de gravidade e especifica a necessidade de apoio, levando em consideração a intensidade dos déficits na comunicação social e nos padrões de comportamento. Conforme prescreve o DSM-5 (APA, 2023), o nível 1, classificado como leve, exige apoio, pois indivíduos neste nível

são capazes de interagir socialmente, mas demonstram dificuldade para iniciar ou manter essas interações de maneira eficaz. Indivíduos nesse nível apresentam comportamentos repetitivos ou interesses restritos que normalmente interferem na flexibilidade necessária para lidar em ambientes que exigem adaptações e mudanças de comportamento. Liberalesso (2020) ao tratar sobre apoio exigido para pessoas com TEA no nível 1 afirma que ele deve ser orientado no aprimoramento de habilidades sociais e redução da rigidez comportamental, com estratégias como o ensino explícito de regras sociais o que normalmente, segundo o autor, apresenta bons resultados.

O nível 2 é caracterizado pelo DSM-5 (APA, 2023) como moderado indicando a exigência de apoio substancial. Neste nível, os déficits são mais evidentes, incluindo dificuldades em compreender e responder adequadamente às regras sociais. A inflexibilidade e os comportamentos restritivos são mais marcantes. A esse respeito, Liberalesso (2020), aponta que terapias estruturadas, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), mostram-se eficazes no desenvolvimento de habilidades sociais e adaptativas. O autor menciona que as atividades que oferecem previsibilidade como as atividades físicas adaptadas também contribuem para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo com TEA.

O nível 3, classificado pelo DSM-5 (APA, 2023) como severo, exige apoio muito substancial. Esse nível mais severo é definido por déficits graves na comunicação e uma rigidez comportamental evidente. De acordo com Liberalesso (2020), indivíduos classificados no nível 3, frequentemente necessitam de suporte contínuo em todas as áreas da vida. Segundo o autor, programas terapêuticos intensivos e individualizados são necessários, envolvendo estratégias para ampliar a funcionalidade básica da comunicação e os comportamentos adaptativos. Nesses casos, a intervenção de equipes multidisciplinares geralmente oferece maior eficácia (LIBERALESSO, 2020).

Estudiosos do tema como Liberalesso (2020), Rodrigues e Freitas (2025) apontam que o reconhecimento do TEA como um espectro representou um avanço significativo tanto no diagnóstico quanto na intervenção. De acordo com esses autores, a compreensão das características dominantes do transtorno é fundamental para o planejamento de estratégias terapêuticas personalizadas. A adoção de intervenções precoces e abrangentes, que englobem os âmbitos social, educacional e sensorial, expande as possibilidades de desenvolvimento e integração social, reforçando a

importância de uma abordagem multidisciplinar (Liberalesso, 2020). Nos três níveis, a intervenção individualizada e precoce é a base para a promoção do desenvolvimento das potencialidades da criança e na promoção da sua inclusão social, baseando a escolha das estratégias nas necessidades específicas de cada indivíduo (Liberalesso, 2020; Rodrigues; Freitas, 2025).

3.2. A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO ESPORTIVA PARA CRIANÇAS COM TEA

A infância é uma fase de intensas transformações, na qual cada experiência vivida é determinante no desenvolvimento e formação do indivíduo. Neste contexto, o esporte emerge como um instrumento que também pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança, abrangendo as dimensões física, cognitiva, emocional e social (Silva Filho; Araújo, 2019; Gomes *et al.*, 2022; Mata; Silva; Silva, 2023). Para crianças com TEA, essa importância pode ganhar uma dimensão ampliada, pois a iniciação esportiva por ser uma prática estruturada quando adaptada as necessidades desse público pode colaborar para o aperfeiçoamento de habilidades que frequentemente representam desafios em seu desenvolvimento (Flores *et al.*, 2023; Mata; Silva; Silva, 2023).

A iniciação esportiva é o processo de introdução de crianças a práticas corporais e esportivas de maneira planejada e lúdica (Silva Filho; Araújo, 2019). De acordo com Silva Filho e Araújo (2019), o objetivo principal da iniciação esportiva não é a formação de atleta numa área específica, mas a promoção do desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, ressaltam os autores, a importância do caráter lúdico da iniciação esportiva nesta fase, pois pode contribuir para desenvolver habilidades motoras fundamentais e a internalização de valores de forma adaptada a cada criança. Para os referidos autores, o brincar é uma atividade essencial na infância uma vez que nesse período a criança "aprende sobre si mesma, sobre o mundo natural e social". Concluem os autores, que a iniciação esportiva na infância contribui para ampliar o repertório motor da criança, transformando o esporte em uma extensão qualificada da brincadeira.

Souza, Souza e Bezerra (2021) ao abordarem sobre os benefícios da iniciação esportiva para crianças com TEA, identificaram resultados positivos no âmbito psicossocial, físico e cognitivo em modalidades como a dança, ginástica, natação, karatê e futebol. Os autores mencionados concluem que a prática da iniciação esportiva

contribui na interação e inclusão social, na redução da ansiedade, demonstração de afeto, melhorias de comportamento, consciência corporal, desenvolvimento das habilidades motoras e na compreensão de tarefas.

O estudo de Araújo, Lima e Ribeiro (2022) também comprova a eficácia do exercício físico, destacando que esportes coletivos melhoram significativamente a qualidade dos relacionamentos e a capacidade de socialização, como também contribui na redução de comportamentos estereotipados e agressivos. Araújo, Lima e Ribeiro (2022) concluem que a atividade física praticada regularmente a exemplo da natação, futebol, equitação, associada a outras práticas como a convivência com animais quadrúpedes (gatos, cachorros e cavalos, dentre outros) como também o convívio estável com o núcleo familiar e amigos são práticas que auxiliam no desenvolvimento de crianças com TEA.

Gomes *et al.* (2022) ao abordarem sobre os benefícios da prática esportiva em modalidades tais como a natação, tai chi chuan e judô afirmam que ela “contribui para um melhor desenvolvimento motor, [...] um maior vínculo social [...] e um avanço no desenvolvimento cognitivo” de crianças com TEA. Gomes *et al.* (2022) destacam que na prática esportiva, no campo motor, a coordenação e o equilíbrio são trabalhados; no campo social, a interação é estimulada; e no campo cognitivo, a compreensão de regras e a concentração são aprimoradas.

Schelle (2022), por sua vez, adiciona aos ganhos no campo motor, social e cognitivo melhorias também na capacidade cardiorrespiratória, no tônus muscular, na lateralidade, na tomada de decisões e na regulação emocional. Exemplificando com atividades esportivas nas modalidades de natação e treino de trampolim, o autor conclui, que o esporte contribui para o desenvolvimento global e maximiza o comportamento adaptativo da criança com TEA, proporcionando oportunidade de aprendizagem, bem como “prazer e autoestima, melhorando sua qualidade de vida”.

Apesar dos benefícios comprovados, Flores *et al.* (2023) e Mata, Silva e Silva (2023) ressaltam que o sucesso da iniciação esportiva no atendimento de crianças com TEA depende de uma perspectiva inclusiva. De acordo com Flores *et al.* (2023), a adoção de uma abordagem inclusiva na prática de iniciação esportiva é fundamental, levando em consideração os diversos desafios que a criança com TEA pode enfrentar, como questões no seu desenvolvimento, nas capacidades físicas e na compreensão do próprio

corpo.

Nesse ponto, é importante a distinção feita por Schelle (2022) entre integração e inclusão quando se trata da prática esportiva voltada ao atendimento da criança autista. De acordo com o autor, na perspectiva da integração o indivíduo deve adaptar-se ao ambiente já estruturado, enquanto na inclusão deve ocorrer um “redimensionamento de estruturas físicas, de atitudes e percepções dos educadores, adaptações curriculares, dentre outros”.

Nesse contexto, Schelle (2022), Mata, Silva e Silva (2023) e Flores *et al.* (2023) destacam a importância dos profissionais da área de Educação Física que realizam trabalhos de iniciação esportiva para crianças com TEA. Flores *et al.* (2023) e Mata, Silva e Silva (2023) reconhecem que o trabalho com este público é particularmente desafiador, principalmente pela complexidade e às especificidades inerentes ao próprio espectro autista, o que naturalmente impacta o processo de ensino e aprendizagem. Por essa razão, os autores ressaltam a importante contribuição desses profissionais no desenvolvimento e aplicação de estratégias pedagógicas adaptadas, visando atender aos diversos níveis de aprendizagem e a potencialização do desenvolvimento das crianças com TEA.

Os estudos apresentados acima demonstram que a iniciação esportiva se posiciona como uma intervenção terapêutica e pedagógica importante para crianças com TEA. Os benefícios se manifestam de maneira interligada nas áreas motora, cognitiva, social e emocional, promovendo não apenas a saúde física, motora e social, mas também a autoestima, a autonomia e a qualidade de vida.

Os estudos apontam ainda para a necessidade de que os responsáveis pelas práticas esportivas voltadas para o público TEA realizem ajustes de modo que o esporte seja adaptado para acolher e potencializar o desenvolvimento de cada criança em sua singularidade (Schelle, 2022; Flores *et al.*, 2023; Mata; Silva; Silva, 2023). Dessa perspectiva a iniciação esportiva pode se consolidar como uma ferramenta importante para a promoção do desenvolvimento integral da criança com TEA.

3.3 O FUTEBOL E OS SEUS BENEFÍCIOS PARA AS CRIANÇAS COM TEA

Estudos recentes indicam que a iniciação esportiva no futebol pode oferecer benefícios significativos, contribuindo para o desenvolvimento individual e a integração

social de crianças com TEA. Vetri e Roccella (2020), em uma revisão narrativa fundamentada em estudos teóricos e práticos ao examinar os efeitos, avanços e desafios enfrentados por pessoas com TEA na prática do futebol, ressaltam que esse esporte coletivo é uma atividade abrangente, capaz de estimular diversas áreas do funcionamento humano.

Vetri e Roccella (2020) ressaltam a complexidade neuropsicológica e neuroanatômica envolvida na prática do futebol, enfatizando que o simples ato de “chutar uma bola” é uma atividade que requer um "vocabulário motor" muito diversificado. A esse respeito, os autores destacam que o jogar futebol, ativa um conjunto de estruturas "frontais", "fronto-límbicas" e competências neuropsicológicas que envolvem autorregulação, concentração e manutenção da atenção, atenção dividida, memória de trabalho, flexibilidade, resolução de problemas e controle emocional relevante (Vetri; Roccella, 2020).

Na perspectiva de Vetri e Roccella (2020) a prática do futebol envolve aspectos fundamentais do desenvolvimento humano que podem servir de referência para pensar a iniciação esportiva para crianças com TEA. Os autores mencionam que o ato de jogar futebol envolve múltiplas áreas cerebrais responsáveis envolvendo o planejamento e execução coordenada de movimentos. Essa interação destaca o futebol como uma atividade integrada, que combina funções motoras e cognitivas de forma harmoniosa.

Sobre a evolução dos gestos motores no jogo de futebol, os autores ressaltam que os movimentos ocorridos não são apenas mecânicos, mas requerem coordenação para se transformarem em gestos expressivos. Inicialmente esses gestos são elementares, mas podem evoluir com a prática, tornando-se mais precisos e econômicos, incorporando estratégia, criatividade e beleza nos níveis mais avançados.

Vetri e Roccella (2020) explicam que num jogo de futebol cada gesto é planejado e modulado de forma estratégica, considerando desde a execução técnica, como chutar a bola com força e direção adequadas. Ainda sobre o jogo de futebol os autores esclarecem sobre a necessidade de se adaptar ao contexto, o que inclui a compreensão das regras, o trabalho em equipe, as estratégias contra os adversários, além da capacidade de lidar com estresse e contato físico.

Os autores destacam também que as funções neurológicas ativadas num jogo de futebol, tais como, a autorregulação permite o controle de impulsos e emoções; a

concentração e a atenção dividida, auxilia no monitoramento das próprias ações, as dos adversários e as da equipe ao mesmo tempo; a memória de trabalho e flexibilidade cognitiva auxilia no ajuste de estratégias rápidas no decorrer do jogo; a resolução de problemas e controle emocional para lidar com desafios e manter o desempenho mesmo sob pressão.

Os autores mencionam ainda que o futebol ao combinar aspectos motores e cognitivos de maneira estruturada, exige repetição e prática planejada. Isso fortalece tanto a capacidade física quanto a neuropsicológica do indivíduo.

Para Vetri e Roccella (2020), o futebol não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma prática ampla e diversa que pode promover a coordenação motora, o planejamento estratégico, a adaptabilidade em situações dinâmicas e o controle emocional. Além disso, pode ativar áreas cerebrais essenciais, como as frontais e fronto-límbicas, relacionadas à criatividade, a atenção e a consciência situacional. Essa perspectiva amplia a visão do futebol como uma ferramenta importante para o desenvolvimento global, especialmente em contextos educacionais e terapêuticos, podendo trazer benefícios significativos para crianças com TEA.

Vetri e Roccella (2020) encontraram apenas quatro estudos que relatam resultados práticos sobre programas de futebol para pessoas com TEA, sendo três realizados com crianças (Hayward *et al.*, 2016; Cei *et al.*, 2017; Chambers; Radley, 2020 *apud* Vetri; Roccella, 2020) e um com adultos. Analisando os resultados desses estudos os autores mencionam que eles confirmam a conhecida ligação positiva entre atividades físicas e bem-estar geral. Nesses estudos, Vetri e Roccella (2020) afirmam que foi demonstrado benefícios potenciais no comportamento, competência social, em desenvolvimento e habilidades físicas e motoras de crianças com TEA participantes dos programas de futebol.

Vetri e Roccella (2020) mencionam que esses estudos evidenciam que os programas esportivos de futebol para crianças com TEA oferecem benefícios que vão além das melhorias físicas e motoras. Segundo os autores, esses programas esportivos podem aproveitar também a paixão pelo futebol, frequentemente compartilhada por esse público, para promover o desenvolvimento de competências sociais e reduzir a ansiedade. Cabendo salientar ainda, a sua contribuição na satisfação das famílias pois acaba reforçando a importância de integrar intervenções baseadas em qualidade de vida

com atendimento clínico quando exigido para os filhos autistas.

Apesar dos resultados positivos, Vetri e Roccella (2020) destacam a limitação do estudo realizado principalmente pela constatação do reduzido número de pesquisas sobre o impacto de programas de futebol em pessoas com TEA (no caso quatro pesquisas), o que torna difícil chegar a conclusões mais efetivas. Os autores salientam ainda que os estudos existentes, são bastante variados, pois eles abordam diferentes contextos, têm composições de grupos distintas e aplicam programas de futebol diversos. Por fim, segundo autores, os estudos examinados não incluem grupos de controle, o que dificulta comparar os resultados de forma rigorosa além de utilizarem medidas diferentes para avaliar os resultados, o que dificulta a comparação entre eles.

Para que se possa fazer uma generalização dos resultados encontrados, os pesquisadores sugerem o aumento no número de estudos sobre o papel educacional e terapêutico do futebol para o público TEA e que esses novos estudos sigam um protocolo padronizado. Também é mencionada a necessidade de programas de treinamento mais intensivos para verificar os efeitos positivos da prática esportiva do futebol.

Os autores sugerem ainda a importância das pesquisas que relacionam o futebol e TEA focarem nas questões de interação social, um dos principais desafios da criança autista.

Em suma, para Vetri e Roccella (2020), embora o futebol se mostre um modelo de terapêutico e pedagógico promissor, ainda é preciso consolidar evidências mais efetivas e a definição de um protocolo padronizado para os programas. A literatura atual sugere, segundo os autores, que uma abordagem inclusiva com o apoio de profissionais bem treinados, em sessões com duração e frequência adequadas, pode ser um importante ponto de partida para futuros estudos.

López *et al.* (2017), investigam os impactos de um programa esportivo de futebol no desenvolvimento de habilidades psicomotoras e sociais em crianças com TEA. Os pesquisadores buscaram verificar se a participação em um programa esportivo estruturado de futebol poderia ser uma ferramenta eficaz para melhorar as habilidades motoras e sociais de crianças com TEA, auxiliando na sua inclusão e bem-estar geral.

Os autores realizaram um estudo piloto contando com uma amostra de cinco participantes com idade entre seis e doze anos, com diagnóstico de TEA, apresentando

comunicação verbal preservada e boa compreensão da fala cujas necessidades de apoio não interferissem nas atividades ou participação autônoma. O programa teve uma duração de três meses, sendo realizadas vinte e quatro sessões de uma hora durante duas vezes na semana. A adaptação e monitoramento do programa foi realizada por profissionais da educação e educação física com experiência com TEA. As sessões ocorreram em campo de futebol com todos os equipamentos necessários, como bola de futebol, cones, entre outros.

López *et al.* (2017) destacam que indivíduos com TEA frequentemente apresentam desafios significativos em habilidades sociais, comunicação e coordenação motora, o que pode levar à exclusão social e menor participação em atividades físicas. Para os autores, o futebol, sendo um esporte coletivo popular e estruturado, oferece um ambiente ideal que pode auxiliar na solução dessas questões.

Partindo dessa perspectiva, López *et al.* (2017) consideram que o futebol pode ser utilizado como uma terapia não farmacológica promissora, pois integra aspectos de tratamentos sensório-motores com abordagens focadas no desenvolvimento social. Os autores destacam também que a prática do futebol exige o aprendizado e a assimilação de regras, um ponto de dificuldade para muitas crianças com TEA, mas que, ao ser superado, proporciona um senso de realização e melhora a adaptação em contextos sociais regulados.

Além do desenvolvimento motor, que inclui melhorias em movimentos, saltos, arremessos, chutes, giros, passes e controle de bola, López *et al.* (2017), destacam que o futebol promove atitudes e valores sociais. De acordo com os autores, a interação em equipe fomenta a tolerância, solidariedade, respeito, companheirismo, igualdade, empatia e comunicação. Afinal, afirmam os autores, esses elementos são fundamentais para a construção de relacionamentos e a integração em grupos.

López *et al.* (2017) mencionam também que a atividade física, de forma geral, pode reduzir o estresse, distúrbios do sono, depressão e ansiedade, que são desafios comuns enfrentados por indivíduos com TEA e seus familiares. A inclusão em atividades esportivas regulares também eleva a autoestima e incentiva a participação ativa, combatendo o isolamento.

De maneira geral, López *et al.* (2017), afirmam ter obtidos resultados que comprovam que o futebol pode ser uma ferramenta eficaz para promover o

desenvolvimento de habilidades psicomotoras e sociais em crianças com TEA. Apesar disso, os autores apontaram algumas limitações do estudo, principalmente sobre o tamanho reduzido da amostra (cinco participantes), o que torna o resultado pouco representativo. Os autores apontam também que a avaliação do programa de futebol basicamente subjetiva, baseada na observação dos supervisores. Esclarecem os autores, que a subjetividade embora realizada com cuidado pode influenciar a interpretação dos resultados. Argumentam também que a duração de apenas três meses pode ter limitado o potencial de progresso. Os autores acreditam que um programa mais longo poderia gerar resultados mais significativos. Por fim, os pesquisadores sugerem que futuras pesquisas deveriam explorar essas limitações e aprofundando o estudo com amostras maiores e programas de maior duração.

Outro estudo que também valida os benefícios do futebol para crianças com TEA foi realizado por López-Díaz, Moreno-Rodríguez e López-Bastías (2021). O objetivo principal dos autores foi avaliar os efeitos de um programa esportivo de futebol adaptado para crianças com TEA no ensino primário. Eles buscaram compreender se a participação nesse programa poderia impactar tanto as habilidades psicomotoras quanto as sociais dos alunos. Participaram da pesquisa treze crianças com TEA nível 1 de severidade com idade entre seis e dez anos. O programa esportivo teve uma duração de cinco meses, sendo realizada sessão semanal de uma hora de duração. O programa esportivo, segundo os autores, teve o acompanhamento de uma equipe composta de psicólogos, mestres de educação física e treinadores. A avaliação dos resultados contou também com a colaboração dos pais e/ou responsáveis que responderam questionário relativo ao nível de satisfação com o desempenho dos filhos.

O programa esportivo foi realizado num ginásio esportivo, sendo que as sessões de treinamento e jogos foram adaptadas para atender as necessidades dos participantes visando a modelação e potencialização das habilidades individuais. As sessões foram ajustadas a níveis básicos próprios do futebol tendo consistido, entre outros, em atividades com ou sem bola como a realização de saltos, passes, condução de bola individual e em grupo.

López-Díaz, Moreno-Rodríguez e López-Bastías (2021), mostram que crianças com TEA enfrentam diversos desafios que limitam sua participação em atividades físicas e sociais. Os autores mencionados, destacam que indivíduos com TEA frequentemente

apresentam problemas no desenvolvimento de suas habilidades motoras. Isso pode incluir deficiências tanto na coordenação geral quanto em habilidades motoras finas e grossas, dificultando a participação em atividades físicas em grupo. Essas dificuldades contribuem para a baixa participação de crianças com TEA em atividades físicas e esportivas de um modo geral. Os autores mencionam ainda a existência de barreiras sociais enfrentadas pelas crianças com TEA, devido à falta de conhecimento sobre o transtorno nos ambientes sociais, incluindo os ambientes esportivos. Os autores mencionam, por fim, que a inatividade das crianças com TEA pode gerar sedentarismo e problemas de saúde.

López-Díaz, Moreno-Rodríguez e López-Bastías (2021) ao examinarem os resultados do programa esportivo tanto referente as sessões esportivas como a percepção dos pais relativos ao desempenho dos filhos, concluem que a participação de crianças com TEA em atividades esportivas de futebol leva a melhorias significativas no desempenho psicomotor dessas crianças, bem como uma modificação favorável das variáveis relacionadas à participação social. Os autores, destacam que o programa de futebol para crianças com TEA, surge como uma alternativa eficaz, pois pode contribuir para o crescimento e a melhoria dos níveis social, motor e pessoal dos participantes. Os autores mencionam ainda a importância de que os treinamentos esportivos de futebol sejam adaptados para atender as reais necessidades das crianças com TEA.

Entretanto, os autores apontam a necessidade de aprofundar o estudo com uma amostra maior, pois a atual (treze crianças) é considerada pequena e ao mesmo tempo heterogênea. Assim, ainda que os resultados sejam promissores, a pequena amostra e as diferenças individuais entre as crianças com TEA dificultam a generalização dos achados para uma população mais ampla. Outro limite apontado pelos autores na pesquisa refere-se ao tempo de duração do programa esportivo que durou cinco meses.

Mata, Silva e Silva (2023) ao analisarem o TEA e os benefícios do futebol e sua variante, o futsal, pode ser uma importante estratégia pedagógica e terapêutica para crianças autistas. Os autores realizaram uma revisão bibliográfica sobre o tema, focando nos benefícios da prática regular do futebol/futsal para crianças autistas, quando realizado em ambientes adaptados e não competitivos, apontando alguns desafios e limites enfrentados por esse público e por fim apresentam algumas soluções.

Sobre os benefícios Mata, Silva e Silva (2023) destacam que a prática do

futebol/futsal mais do que um simples jogo, se mostra como uma aliada no desenvolvimento de crianças com TEA. Ele ajuda essas crianças a aprimorar suas habilidades motoras, como coordenação e equilíbrio, que são fundamentais no dia a dia. Além disso, o futebol/futsal favorece o desenvolvimento social, pois exige interação com os colegas, a necessidade de trabalhar em equipe e aprender a se comunicar para atingir um objetivo comum. O ambiente do campo, com suas regras claras e dinâmicas, proporciona maior segurança e previsibilidade, o que é importante para crianças com TEA pois podem auxiliá-las a seguir instruções e a se expressarem de novas maneiras.

Por outro lado, Mata, Silva e Silva (2023), alertam sobre limites e desafios enfrentados pelas crianças com TEA no ambiente esportivo, incluindo o futebol/futsal. Os autores apontam que as dificuldades na comunicação e na interação social e no desenvolvimento motor, podem tornar a integração em atividades coletivas um pouco mais desafiadoras. A título de exemplo, conforme os autores mencionados anteriormente, as crianças com TEA podem apresentar dificuldade em realizar dribles, conduzir a bola através de cones e obstáculos, apresentam cansaço excessivo e dificuldades em relacionar-se com os pares.

Cabe salientar que, na perspectiva dos autores, essas dificuldades não podem ser vistas como um obstáculo a participação das crianças autistas na prática do futebol/futsal. Attwood (2002 *apud* Mata; Silva; Silva, 2023) mencionando o caso do futsal em específico voltado para crianças autistas, sugere que ele seja ensinado de forma adaptada, seguindo, por exemplo, “um ritmo mais lento e com aulas organizadas em etapas, começando com técnicas básicas como chutes e depois passando para dribles e posse de bola”.

Mata, Silva e Silva (2023) ressaltam a importância de criar um ambiente estruturado e previsível, onde as regras sejam claras e as atividades apresentadas de forma concisa e visual, para facilitar a compreensão e reduzir possíveis situações de estresse das crianças com TEA. Igualmente destacam a necessidade de simplificar os exercícios e as regras do jogo, utilizando reforço positivo constante para motivar a participação e o aprendizado. Nesse aspecto, os autores ressaltam ainda o papel importante dos professores e treinadores visando a adaptação da abordagem conforme as necessidades individuais de cada criança, sempre promovendo um espaço que favoreça a interação social gradual e o desenvolvimento de habilidades motoras e

sociais desse público.

Para Mata, Silva e Silva (2023), as dificuldades encontradas pelas crianças com TEA em certos movimentos e nas interações sociais não podem ser vistas como impeditivos, mas como um indicativo da necessidade de uma abordagem de ensino direcionada. Essa perspectiva, aliada à facilidade de acesso ao futebol, o transforma, nas palavras dos próprios autores, em "uma opção atraente e viável para famílias e terapeutas que buscam uma atividade física para crianças e adolescentes com autismo" (Mata; Silva; Silva, 2023), reforçando seu potencial no desenvolvimento e na inclusão social da criança com TEA.

Os autores concluem apontando sobre as limitações da revisão bibliográfica realizada, pois por mais que tenham reunido e analisado estudos importantes sobre o tema, a pesquisa não gerou dados novos, ou seja, eles não fizeram experimentos diretos ou observações em campo com crianças autistas praticando futebol/futsal. Assim, embora o estudo seja fundamental para organizar o que já se sabe e mostrar o caminho, ele não consegue trazer resultados originais ou evidências empíricas diretas sobre os benefícios do futebol/futsal para esse público. Eles constataam uma lacuna na literatura e a necessidade de futuras pesquisas que realizem investigações práticas sobre o tema.

Em síntese, os estudos apresentados nessa pesquisa apontam o futebol como uma ferramenta promissora para o desenvolvimento de crianças com TEA. Os estudos de López *et al.* (2017), Vetri; Roccella (2020), López-Díaz, Moreno-Rodríguez e López-Bastías (2021) e Mata, Silva e Silva (2023) convergem ao demonstrar que, para além da atividade física, a prática do esporte estimula funções neuropsicológicas, melhora o desempenho psicomotor e fortalece competências sociais. O sucesso dessa abordagem, contudo, depende de adaptações estruturais e metodológicas, como a criação de ambientes não competitivos e a implementação de treinamentos graduais e específicos. Embora os benefícios sejam evidentes e a prática seja considerada acessível e viável, os autores mostram que existem poucas pesquisas práticas sobre o tema e apontam para a necessidade de aprofundar os estudos práticos visando solidificar o futebol como uma intervenção terapêutica e pedagógica baseada em evidências para o público com TEA.

Registra-se, portanto, a limitação do presente estudo, pois foi encontrado um reduzido número de pesquisas que investigam especificamente a relação entre TEA e futebol. Registra-se também que o estudo realizado ficou limitado a utilização da prática

esportiva do futebol apenas com crianças TEA que apresentavam nível 1 de suporte.

Sugere-se que futuras pesquisas que relacionam o TEA e a prática do futebol se concentrem na realização de estudos práticos com amostras maiores e mais representativas de crianças com TEA. Nesse sentido é importante também que os novos estudos considerem investigar a viabilidade do futebol para crianças com TEA nos três níveis de déficits e necessidades de apoio. O desenvolvimento de novas pesquisas práticas sobre o tema pode contribuir para solidificar o futebol adaptado como uma intervenção terapêutica e pedagógica visando o desenvolvimento integral e inclusão social de crianças com TEA.

4 CONCLUSÃO

A iniciação esportiva, especialmente o futebol, tem sido apontada como uma ferramenta promissora para o desenvolvimento integral de crianças com TEA. Os estudos realizados demonstram que a prática do futebol, quando ajustada às necessidades individuais, estimula funções neuropsicológicas complexas, como autorregulação, concentração, memória de trabalho e flexibilidade, melhora o desempenho psicomotor em relação a coordenação, equilíbrio e movimentos, como também fortalece competências sociais essenciais, como tolerância, solidariedade, respeito e comunicação. Ademais, a atividade contribui para a redução do estresse, melhora do comportamento, aumento da autoestima e a promoção da inclusão social desse público.

Salienta-se, por fim, o importante papel dos profissionais da área da educação física envolvidos com as práticas esportivas voltadas para o público TEA, especialmente no que se refere as adaptações estruturais, curriculares, metodológicas e abordagem que visem potencializar o desenvolvimento dessas crianças em sua singularidade. Dessa perspectiva a iniciação esportiva, dentre elas o futebol, pode se consolidar como uma ferramenta com grande potencial na promoção do desenvolvimento integral da criança com TEA.

5 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed., rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARAÚJO, Robert Maurício de Oliveira; LIMA, Rayanne Maria Alencar de Almeida; RIBEIRO, Vitor Manoel Silva. A produção teórica sobre exercício físico e transtorno do espectro autista: um estudo de revisão. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 16, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38039>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDCP). *Data and statistics on Autism Spectrum Disorder*. Atlanta: U.S. Department of Health and Human Services, 2025. Disponível em: <https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html>. Acesso em: 3 nov. 2025.

FLORES, Josiane Sousa; SILVA, Katielly Santos; BATISTA, Sarah Flores; GUABIROBA, Juliana Silva. A importância da iniciação esportiva para crianças com o Transtorno do Espectro Autista. In: **VII COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR; V CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR; IV FEIRA DE EMPREENDEDORISMO DA UNIFIMES**, 2023. Anais [...]. Mineiros: UNIFIMES, 2023. Resumo expandido. Ciências da Saúde.

GOMES, Tainá Raíssa dos Santos; CORRÊA, Flávio Henrique; BURATTI, Jéssica Reis; QUEDAS, Carolina Lourenço Reis; GORLA, José Irineu. Benefícios da prática esportiva para o desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista: revisão sistemática. **Revista AYA**, [S. l.], v. 2, n. 59, p. 26–34, 2022. DOI: <10.47573/aya.5379.2.59.2>. Disponível em: <https://ayaeditora.com.br/wp-content/uploads/2022/02/L90C2.pdf>. Acesso em: 5 out. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista – resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 jun. 2025.

LIBERALESSO, Paulo. Transtorno do espectro autista: evidências científicas no campo das intervenções terapêuticas. In: LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo (org.). *Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências*. Curitiba: **Capricha na Inclusão**, 2020. p. 13–25. Disponível em: <https://www.caprichanainclusao.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2025.

LÓPEZ-DÍAZ, José María; MORENO-RODRÍGUEZ, Rocío; LÓPEZ-BASTÍAS, José Luis. Fútbol como programa deportivo para menores com TEA en educación primaria. **Cuadernos de Investigación Educativa**, Montevideu, v. 12, n. 1, p. 22–41, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/cie/v12n1/1688-9304-cie-12-01-22.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

LÓPEZ, José María; MORENO-RODRÍGUEZ, Ricardo; ALCOVER, Carlos-María; GARROTE, Inmaculada; SÁNCHEZ, Sergio. Effects of a program of sport schools on development of social and psychomotor skills of people with autistic spectrum disorders: a pilot project. **Journal of Education and Training Studies**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 146–153, 2017. Disponível em: <https://redfame.com/journal/index.php/jets/article/view/2555>. Acesso em: 27 set. 2025.

MACHADO, Camila Fagundes; GOMES, Thábata Viviane Brandão; ORTIGAS, Paloma Reis;



BENDA, Rodolfo Novellino. Desempenho motor em crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa da literatura. **Research Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e1011426692-e1011426692, 2022.

MATA, Airton Wlesley de Moraes; SILVA, Lucas Vinicius Bezerra da; SILVA, Gilberto Reis Agostinho. O transtorno do espectro autista e os benefícios da prática do futebol. **Zenodo**, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8030792>. Acesso em: 5 out. 2025.

RICCO, Ana Claudia. Efeitos da atividade física no autismo. 2017. **Trabalho de Conclusão de Curso** - Bacharelado em Educação Física – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/eacc39c4-2534-4308-81bc-12d8f71d0110/content>. Acesso em: 22 jun. 2025.

RODRIGUES, Maria Ester; FREITAS, Elisane Meneses. Transtorno do Espectro Autista: uma introdução. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 1–26, 2025. DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv17n1-136>. Acesso em: 11 out. 2025.

ROTHER, Ethel Teresa. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–2, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2025.

SCHELLE, Caio França Lira. Importância das práticas esportivas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2022. **Trabalho de Conclusão de Curso** - Graduação em Educação Física – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Orientador: Isaias Moreira Ferraz Júnior. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5464/1/TCC%20CAIO%20FRANCA%20C.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

SILVA FILHO, João Rodrigues; ARAÚJO, Wellington Cavalcanti. Iniciação esportiva em futebol no desenvolvimento do sistema psicomotor de crianças: pesquisa em escolinha de futebol do IESP Faculdades. **Revista Diálogos em Saúde**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 82–92, jan./jun. 2019. ISSN 2596-206X. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/243>. Acesso em: 27 set. 2025.

SOUSA, Milena Nunes Alves de; SOUSA, Michelline Nunes Alves de; BEZERRA, André Luiz Dantas. Atividades esportivas para indivíduos com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Educação e Saúde – REBES**, Pombal – PB, v. 11, n. 1, p. 90–96, jan./mar. 2021. ISSN 2358-2391.

VETRI, Luigi; ROCCELLA, Michele. On the playing field to improve: a goal for autism. **Children**, [S. l.], v. 7, n. 11, p. 1–9, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37578755>. Acesso em: 27 jul. 2025.